

# Analfabetismo ainda durará 100 anos

Zenaide Azeredo

Nas condições atuais em que o combate ao analfabetismo é dificultado pela falta crônica de verbas e pela impossibilidade latente da população mais miserável frequentar escolas, o analfabetismo no Nordeste só será erradicado dentro de prazos que variam de 69 anos (no Rio Grande do Norte), a 134 anos e 8 meses (na Paraíba). Em Alagoas, Estado em que o presidente eleito Fernando Collor governou, o prognóstico é que os analfabetos ali só desaparecerão dentro de 119 anos e 3 meses.

Tal precisão de dados foi obtida pelo Ministério da Educação e consta de relatório enviado este mês à Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (Educar), órgão que, ao substituir o Mobral, chegou a atender 1 milhão e 600 mil analfabetos em seus cursos, em 1988. Este total, no entanto, baixou para 800 mil alunos em 1989, exatamente por falta de recursos, proveniente do corte do subsídio de 2% do Imposto de Renda que as empresas dedicavam à educação de adultos.

Ao revelar o triste quadro previsto pelos técnicos do ministério, para a erradicação do analfabetismo no País, a diretora técnica da Fundação Educar e presidente interina do mesmo órgão, professora Maria do Socorro Jordão Emerenciana, defendeu uma mudança nos

métodos de erradicação, que consistiria prioritariamente em conceder mais verbas ao setor, dar condições à população mais carente de frequentar as aulas e acabar com a atual falha do ensino regular básico, que não consegue manter as crianças de 7 a 14 anos nas escolas.

Paulo Freire

Além da correção dessas falhas, que a serem mantidas acarretarão problemas sérios para os estados do Nordeste (87 anos para a erradicação do analfabetismo do Maranhão, 75 no Ceará, 74,4 no Piauí, 85,2 em Pernambuco, 91,5 em Sergipe e 78,1 na Bahia), a professora Maria do Socorro propõe como fórmula de sucesso, neste processo, a liberdade dos estados, empresas e órgãos responsáveis pelos cursos aplicarem o sistema que lhe aprover na luta.

Assim, embora não tenha ainda aprontado um relatório sobre os dados teóricos que lhe chegam de todo o País, a Fundação Educar constatou que a cidade pernambucana de Cabo, a Baixada Fluminense e a cidade gaúcha de Pelotas estão obtendo resultados práticos notáveis na erradicação do analfabetismo. Nas três regiões são aplicados métodos distintos, que consistem numa adaptação do método Paulo Freire às condições regionais, com exploração farta de conteúdos relacionados com o trabalho e os problemas cotidianos.

Entretanto, a avaliação de tal sucesso esbarra ainda na capacitação de se projetar diagnósticos reais sobre a questão, que apresenta aspectos distintos em cada região. Assim, enquanto na Baixada Fluminense o trabalho de erradicação do analfabetismo é feito por associações religiosas e de bairros, no Cabo o mérito é da administração municipal, enquanto em Pelotas a reinvenção do método de alfabetização de Paulo Freire está sendo aplicado por empresas industriais.

Embora enalteça esses pequenos sucessos, que permitiram ao Ministério da Educação diminuir a taxa de analfabetos de 33,6% em 1970, para 20% da população, em 1986, a professora Maria do Socorro ainda lastima o número absoluto de analfabetos existentes no País: 17 milhões 320 mil 705 pessoas, contra os 18 milhões 143 mil 997 analfabetos devidamente recenseados em 1970.

Arquivo



Professor Paulo Freire